

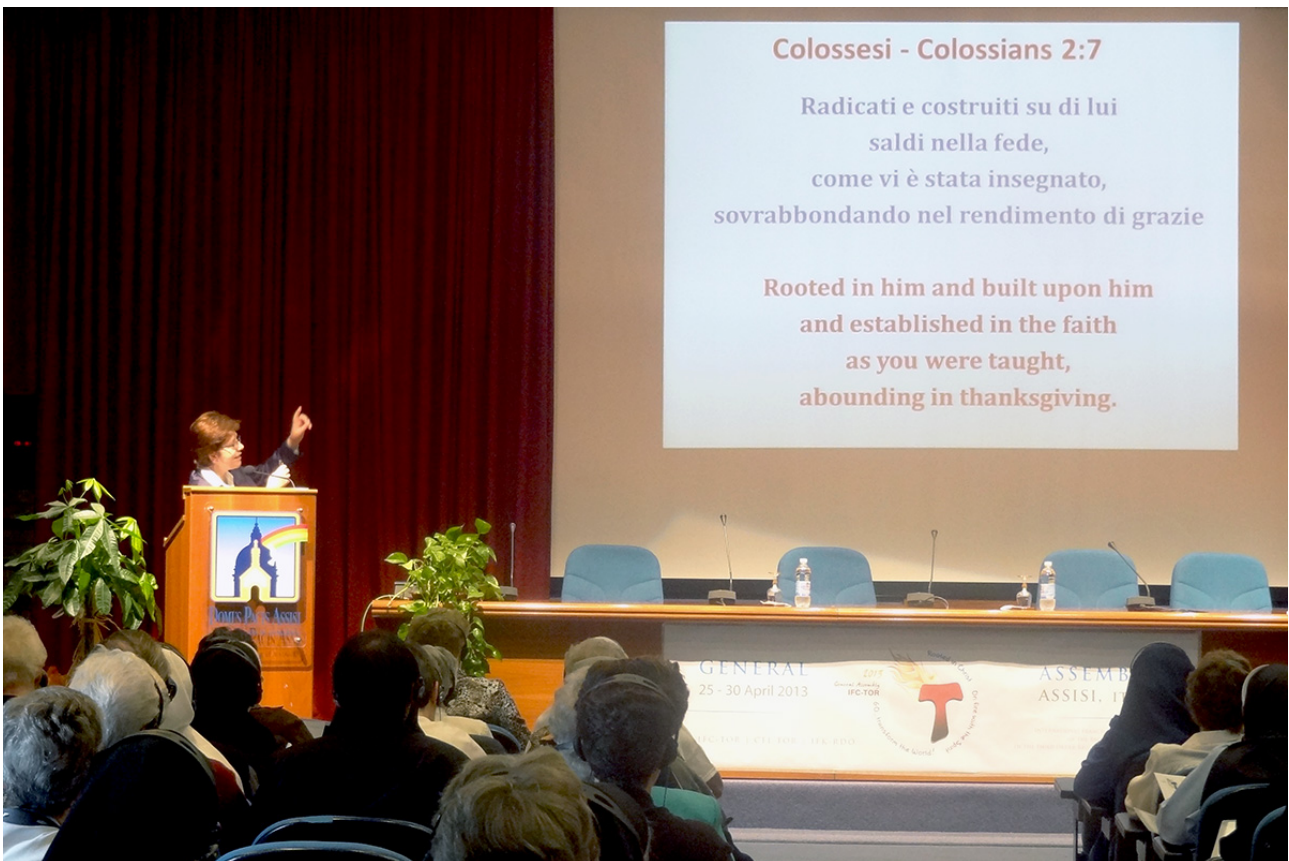


CFI-TOR Assembléia Geral 2013

ENRAIZADOS EM CRISTO, ENFLAMADOS PELO ESPÍRITO, VAMOS... TRANSFORMEMOS O MUNDO!

Conferência Franciscana Internacional dos Irmãos e Irmãs, da Terceira Ordem Regular
Assis, Itália, 26 de abril de 2013

*Irmã Elena Bosetti, sjbp – Professora de Sagrada Escritura
na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma*





CFI-TOR Assembléia Geral 2013

Articulo a minha apresentação a partir das quatro palavras que rimam no título deste artigo: **enraizados, animados, vamos, transformemos**. Procurarei iluminar esses itens numa perspectiva bíblica e relacionando-os à espiritualidade franciscana.

1. ENRAIZADOS EM CRISTO

A expressão "enraizados em Cristo" é plena de significado; sintetiza bem a teologia paulina do inserimento em Cristo (*en Christō*), amplamente desenvolvida na Carta aos Romanos. Mas o particípio "enraizados" (*errizōménoi*) é muito raro: só ocorre duas vezes no NT. O texto mais afim é a carta aos Colossenses, onde o Apóstolo exorta os fiéis a andarem nos caminhos do Senhor Jesus Cristo, "enraizados e edificados n'Ele" (2,7). Em Efésios 3,17 encontramos uma expressão semelhante: "enraizados e fundados" (Ef 3,17).

Estas são as duas únicas passagens do Novo Testamento em que aparece a palavra *rizōō* ("enraizar") e, em ambos os casos, vemos o entrelaçamento de duas metáforas bíblicas: aquela do plantar e a do construir¹. O Cristo é o único fundamento sobre o qual os fiéis se enraízam e se edificam.

Estar "enraizados" significa ter as raízes bem plantadas². Uma árvore com raízes frágeis, na primeira tempestade, é arrancada mas uma árvore como carvalho, com raízes profundas e fortes, dificilmente será arrancada. Além disso, as raízes têm uma função de nutrição: absorvem o alimento da terra para alimentar a planta.

A radicalidade da qual falamos é algo mais profundo e prioritário em relação ao sentido ético, normalmente, atribuído a este termo. Primeiramente compreende-se a radicalidade como coragem de concretizar as escolhas totais e definitivas, das quais se fala de escolha *radical*, de vida consagrada como "resposta radical" (Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, n. 14), isto é aquela radicalidade que se refere às raízes **nutrientes do ser**. E estamos aqui para aprofundar e revitalizar essa radicalidade fundamental. Porque somente se as raízes são fortes e capazes de absorver a seiva



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

vital, floresceremos homens e mulheres *radicais*, capazes de uma autêntica radicalidade evangélica e franciscana.

Com isso em mente, aceno a um tríplice enraizamento em Cristo:

- raízes bíblicas
- raízes místico-sacramentais
- raízes ecumênicas, cósmicas

1.1. Raízes bíblicas

Estar *enraizados em Cristo* compreende um enraizamento fundamental na Palavra de Deus. Cristo é a palavra viva do Pai, o Verbo encarnado, o Verbo "saído do silêncio," segundo uma bela expressão de Santo Inácio de Antioquia. "Deus se dá a conhecer no mistério do infinito amor no qual o Pai, da eternidade, exprime sua palavra no Espírito Santo" (*Verbum Domini*, 6).

Esta palavra foi progressivamente revelada na criação e na história salvífica testemunhada nas Sagradas Escrituras. O Antigo Testamento contém o Novo e o Novo revela plenamente o Antigo, como nos ensina o Concílio Vaticano II (*Dei Verbum*, 16).

Jesus, ele mesmo, se faz intérprete do mistério contido nas Escrituras. Na verdade, o que faz Cristo Ressuscitado no caminho de Jerusalém para Emaús? Aos dois discípulos desanimados que se interrogam sobre "o que havia acontecido", ele revela o sentido cristológico das Escrituras: é d'Ele, de sua Páscoa, morte e ressurreição, que falam Moisés e os profetas (Lucas 24,25-27). Paulo afirma que todas as promessas de Deus encontram o seu Amém em Cristo, o "sim" pleno e definitivo: «o filho de Deus, Jesus Cristo que foi pregado entre vocês – escreve aos Coríntios – não foi um "sim" e um "não", mas nele foi um "sim". E, em verdade, todas as promessas de Deus nele se tornaram "sim". Por isso, por meio dele se eleva a Deus o nosso Amém para a sua glória» (II Cor 1,19-20).

Sabemos o quanto Francisco de Assis era apaixonado pelas "palavras perfumadas do Senhor" (*Carta aos Fiéis*, FF 180). Os seus escritos são impregnados pela Palavra,³ mas mais que seus escritos é a sua própria vida moldada pelo Evangelho. Impregnada de radicalidade evangélica, *sine glossa*.



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

Nesta perspectiva, como revitalizar as raízes bíblicas de nossa identidade cristã e franciscana? Estamos familiarizados com a prática da Lectio divina, com a leitura orante da Palavra?

1.2. Raízes místicas

O enraizamento em Cristo é de natureza "mística" no sentido mais profundo do termo que indica o *mysterion* (em latim *sacramentum*). Nós somos enraizados em Cristo pelo Batismo. "Vocês não sabem" – escreve Paulo aos Romanos – que quando fomos batizados em Cristo Jesus, foi na sua morte que fomos batizados? Fomos, portanto, sepultados junto mediante o batismo na sua morte para que, como Cristo que ressurgiu dentre os mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova" (Rm 6,4).

Pelo batismo somos introduzidos numa dimensão de unidade insuspeitável, de respiro "místico" ⁴. Portanto, vale essencialmente para cada batizado o que Paulo diz sobre si mesmo: "eu vivo, mas já não eu quem vivo, é Cristo quem vive em mim" (Gál 2,20).

Do Batismo à Eucaristia, do enraizamento à nutrição, para uma dinâmica e vital "re-permanência" de Cristo em nós e de nós n'Ele: "aquele que come minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele" (Jo 6,56). O enraizamento em Cristo é a condição imprescindível para dar fruto, como evidencia a metáfora da videira e os ramos. Jesus disse: "Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, produz muito fruto" (Jo 15,5).

Na espiritualidade franciscana as raízes místico-sacramentais são fortes. No mistério da Eucaristia, Francesco contemplada o prolongamento da encarnação e da paixão do Senhor, a profundidade da humildade de Deus: «Ó humildade sublime, ó sublime humilde! O Senhor do universo, o Deus e Filho de Deus, humilha-se a ponto de esconder-se para nossa salvação, na simples aparência de pão! Observem, irmãos, a humildade de Deus e abram diante dele o coração de vocês; humilhem-se também vocês, para serem exaltados por Ele. Portanto, nada guardem para vocês, para que possam acolher aquele que se oferece totalmente a vocês» (FF-221).



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

1.3. Raízes Ecumênicas, cósmicas

Estar **em** Cristo significa ser participante da nova criação, como escreve o apóstolo aos Coríntios: "Se alguém está em Cristo é nova criatura (2 Coríntios 5,17). E a novidade desta radicalidade apresenta dimensões sem limites, ecumênicas, cósmicas.

Antes de tudo, raízes ecumênicas porque Jesus Cristo deu sua vida para que fossem "reconduzidos à unidade todos os filhos de Deus dispersos" (Jo 11,52). O enraizamento em Cristo inclui também uma dimensão cósmica. "Nós sabemos - escreve Paulo aos Romanos - que toda a criação geme e sofre as dores de parto até os dias de hoje" (Rm 8,22).

Penso ser significativo que a expressão "enraizada em Cristo" se encontre na carta aos Colossenses, que apresenta claramente uma concepção cósmica (Col 1,15-20). Cristo é o Senhor do cosmos, o *Pantokrator*, o criador por excelência a quem tudo está sujeito. Ele é "a cabeça do corpo" que é a Igreja, por isso, abraça o universo.⁵ O Cristo é aquele, por meio do qual tudo foi criado, no qual tudo foi reconciliado e pelo qual tudo é reconduzido à unidade. Pois aprovou a Deus fazer habitar nele toda a **plenitude** e, por meio dele, reconciliar todas as coisas" (Cl 1,19-20).

Nesta perspectiva, emerge a luminosa figura de Francisco que em seus louvores ao Altíssimo dá voz a tudo o que foi criado. Ele engrandece a **beleza** do cosmos, e mais radicalmente experimenta e canta a fraternidade com todas as criaturas. É significativo que João Paulo II tenha escolhido a cidade de Assis para o encontro inter-religioso. Francisco, o irmão universal, convida ao diálogo com todas as pessoas (crentes e não crentes).

2. ANIMADOS PELO ESPÍRITO – ON FIRE WITH THE SPIRIT

Batizados "em um só espírito" (I Coríntios 12,13), somos chamados a sermos plenamente homens e mulheres do Espírito, que se deixam guiar e animar pelo Espírito.

O Espírito sempre é doador de vida, como o sopro (*ruah*) que Deus soprou nas narinas de Adão (Gen 2,7). Na força do Espírito somos participantes da vitalidade de Cristo Ressuscitado, que



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

vem por assim dizer "derramada" dentro de nós, porque "o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5).

Ser animado pelo Espírito significa, então, viver do Espírito e conseqüentemente "caminhar", ou seja, agir e comportar-se "segundo o Espírito" (Gál 5,25). E o Espírito que recebemos é essencialmente um Espírito de liberdade e de filiação.

Escreve Paulo aos Romanos: "Vocês não receberam um espírito de escravidão para viverem com medo e temor, mas receberam o espírito de filhos adotivos, pelo qual clamam, «Abba! Pai!». O Espírito, ele mesmo, atesta que vocês são filhos de Deus" (Rm 8, 15-16).

Apresento aqui três aspectos que poderiam ser aprofundados no trabalho de Grupo:

- a lei do Espírito
- a liberdade de espírito e a liberdade no espírito
- um só Espírito, inúmeros carismas

2.1. A lei do Espírito

A existência cristã é conduzida por uma única lei, aquela do Espírito: "a lei do Espírito da vida **em** Cristo Jesus (*Christô en Iêsou*), que o libertou da lei do pecado e da morte" (Rm 6,1-2). O princípio libertador é chamado por Paulo de "lei do Espírito da vida" (*to pneûma tes zôês*), expressão única no NT.

A um modo de vida, com uma conotação negativa (a lei do pecado), substitui-se outro com significado oposto (a lei do Espírito). Conforme havia sido anunciado pelos profetas Jeremias e Ezequiel: "Porei a minha lei em suas mentes, a escreverei em seus corações" (Jr 31,33); "Eu lhe darei um coração novo, porei dentro de você um espírito novo... Porei o meu espírito dentro de você e o farei viver segundo os meus preceitos" (Ez 36,26-27).

O Espírito é a nova Lei, já não escrita em tábuas de pedra, mas nas tábuas do coração. Na perspectiva paulina, ter o Espírito de Deus habitando em nós significa, inseparavelmente, ter "o



CFI-TOR Assembleia Geral 2013

Espírito de Cristo" (Rm 8,9). E, portanto, ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (Fil 2,5), o mesmo modo de pensar, de valorar e de agir.

O Espírito é como o vento, diz Jesus (Jo 3,8). Sopra e nos leva onde ele quer; guia à plenitude da verdade (Jo 16,13); atualiza o Evangelho de Jesus; leva suas palavras à memória do coração. É sempre, surpreendente, o ensinamento evangélico do Espírito. O seu fruto não pode ser outro que o amor e a paz: "o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, gentileza, bondade, fidelidade, mansidão, temperança" (Gál 5,22).

2.2. Liberdade de espírito e liberdade no Espírito

No mundo de hoje é muito apreciada a "liberdade de espírito" compreendida como uma dimensão interior que caracteriza a pessoa que não se deixa condicionar pelo poder dominante, pela moda ou pela pressão do ambiente. Admira-se a liberdade de espírito dos que desafiam a opinião pública, de quem tem a coragem de pensar com a própria cabeça e de agir conseqüentemente... A liberdade de espírito leva alguns até ao martírio e, sem dúvida, caracteriza homens e mulheres como Francisco e Clara de Assis.

Paulo conhecia bem este tipo de liberdade. Em suas cartas transparecem uma sensibilidade viva e uma grande valorização da "liberdade", como era compreendida no contexto cultural greco-romano. Mas Paulo conhece, também, outro tipo de liberdade que podemos chamar de "liberdade no Espírito".⁶ O Espírito torna as pessoas livres no sentido da liberdade mesma de Deus que é amor. O Espírito exprime e doa o amor de Cristo pelo qual o Apóstolo pode afirmar: «onde está o Espírito do Senhor, há liberdade» (II Cor 3,17).

Paulo não hesita em lançar a jovem Igreja no caminho do Espírito Santo – "Não extinguam o Espírito!" (I Tes 5,19) – e por outro lado, com o saudável realismo que o caracteriza, desmascara uma liberdade ilusória: "Irmãos, vocês foram chamados à liberdade; portanto não façam da liberdade uma ocasião para viver segundo a carne mas, por meio do amor, sirvam uns aos outros" (Gál 5,13).



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

Ele pode dizer de si mesmo: "apesar de ser livre de todos, eu me fiz servo de todos" (I Coríntios 9,19).

A primeira carta de Pedro é muito especial a São Francisco,⁷ fala de uma liberdade que se expressa no serviço, «sujeitos a toda criatura humana por amor ao Senhor "(I Pd 2,13). O cristão tem uma "dívida de amor" para com todos (Rm 13,8).

2.3. Um só Espírito, inúmeros carismas

A Igreja que nasce no vento e no fogo da experiência de Pentecostes, faz logo a experiência de como um único Espírito possa ser animado por uma multiplicidade de línguas e carismas: «Apareceram-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. E, cheios do Espírito Santo, começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem» (At 2,1-4).

O espírito vem, repentina e surpreendentemente, como um vento forte. Manifesta-se como línguas de fogo que repousam sobre cada uma dos apóstolos, mas também sobre as mulheres, sobre os seus irmãos e a mãe de Jesus. Cerca de 120 pessoas de acordo com At 1,15. Estamos entre as paredes de uma sala, mas a maneira como Lucas narra este fato, evoca a grande teofania do Sinai (Ex 19,16-19; Dt 4,11-12). A Palavra de Deus trazida pelo vento do Espírito é como *fogo*.⁸ O fogo chegou para trazer sobre a terra o Senhor Jesus! (Lc 12.49).

O Nascimento da Igreja é marcado por uma forte experiência carismática: **no fogo do Espírito!** O espírito suscita profecia e canto, dinamismo, vitalidade e uma diversidade de carismas.

«Há uma diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para o proveito comum. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; a outro a operação de milagres; a outro a profecia; a outro o dom de discernir espíritos; a outro a variedade de línguas; e



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

a outro a interpretação de línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer.» (I Cor 12,4-11).

E, como todos sabemos, os carismas são dados para o bem comum, para a edificação mútua. Existe assim uma estreita ligação entre os carismas e ministérios. O Apóstolo Pedro escreve (em plena sintonia com Paulo): «cada um, segundo o dom que recebeu, coloque os dons a serviço, como bons administradores (*oikonomoi*) da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale com as palavras de Deus; se alguém ministra, ministre segundo a força que Deus concede; para que em tudo Deus seja glorificado por meio de Jesus Cristo, a quem pertencem a glória e o domínio para todo o sempre. Amém». (I Pd 4.10-11)

Nada de confrontos estéreis por inveja ou ciúme, nada de *arrogância carismática*! Somos encorajados, ao invés, a revitalizar a dinâmica da gratidão e do senso de responsabilidade, como bons «administradores». ⁹ O carisma de cada um deve manifestar-se no serviço gratuito, amoroso. Porque só o amor edifica e transforma o mundo.

3. VAMOS...

Vamos: eis o verbo da missão, da itinerância evangélica e franciscana!

Do "Eu vou" para o "nós vamos". O NÓS eclesial, o nós da fraternidade.

Este "vamos" nos reconduz às origens do Evangelho, à itinerância de Jesus com os seus discípulos e suas discípulas. Lucas afirma que Jesus era acompanhado, também, por um grupo de mulheres itinerantes, *especialmente* Maria de Magdalena (Lc 8,1-3).

Jesus é seguido por homens e mulheres que compartilham de seu estilo de vida. Theissen fala de "carismáticos itinerantes".¹⁰ Esta expressão adequa-se bem, também, às origens do franciscanismo. Francisco e seus frades não eram, também eles, carismáticos itinerantes? Livres como as aves do céu, pobres e trovadores como Jesus! Conquistados pelo amor de Deus, fascinados pelo Evangelho, eles andavam nas estradas do mundo anunciando a boa nova com a sua própria vida.



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

A itinerância pertence, portanto, ao DNA do franciscanismo. Mas como interpretá-la? "Vamos", não significa apenas o colocar-se fisicamente a caminho. É principalmente uma atitude de desapego da alma, um movimento espiritual. Supõe aquele *colocar-se a caminho*, de quem decide livremente "seguir as pegadas de Cristo", onde quer que ele se encontre, mesmo numa cela ou limitado pela enfermidade. Não é por acaso que, no título desta conferência, o imperativo "vamos" vem seguido por três pontos (...), que interpreto não como um espaço vazio, mas como indicadores de uma maneira de ser, que vai na mesma linha de Jesus com as indicações que apresenta a seus enviados (veja Mt 10,7-13). E portanto:

- *Vamos*: em nossa situação de vida, em nosso ministério, na ação educativa, no serviço sócio pastoral...
- *Vamos*: na pobreza e na simplicidade, inteiramente confiados à providência do Pai, no amor mútuo, cuidando uns dos outros.
- *Vamos*: com alegria e serenidade franciscana.

No contexto da nova evangelização, o que compreende este "vamos"?

4. ..., Transformemos o mundo!

O propósito deste *vamos* (espiritual, psicológica, mental, antes mesmo que físico ou virtual) é bem expresso pelo último verbo: "transformemos". Aqui está a essência da missão evangelizadora: transformar o mundo! O que é muito mais desafiador do que simplesmente pregar ou ensinar.

Escreve Paulo aos Romanos: "não vos conformeis com a mentalidade deste século, mas **transformai-vos** (*metamorphoûsthe*) renovando a vossa mente, a fim de discernir a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito" (Rm 12,2). A transformação (literalmente "metamorfose") de que o Apóstolo fala compreende um processo que envolve todo o homem e mulher, a partir da "renovação mental".



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

Renovar a mente – observa o falecido Cardeal Carlo M. Martini –significa renovar a maneira de ver a realidade. "Quem tem uma mente *transformada* vê o Reino de Deus como trabalho no mundo e lê tudo de forma positiva, otimista, capaz de justificar o dom de si e o serviço gratuito".¹¹

Trata-se de uma transformação nunca plenamente realizada, de um processo de gestação até que Cristo seja formado em nós: "*donec formetur Christus na vobis*" (Gál 4,19). E, nesta gestação está envolvida toda a criação que "geme e sofre as dores de parto até os dias de hoje" (Rm 8,22).

Como, então, transformar o mundo? Na segunda carta aos Coríntios o Apóstolo fala de uma transformação luminosa: "Mas, nós, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem, da glória em glória, segundo a ação do Senhor, que é o Espírito" (II Cor 3,18).

Só o fogo do Espírito é transformante. Só o amor pode realmente transformar o mundo. "O fogo de Deus é fogo transformador, o fogo da paixão - certamente - que também destrói muito dentro de nós, que leva a Deus, mas, sobretudo, é fogo que **transforma**, que renova e cria um homem novo, que se torna luz em Deus" (Bento XVI, *Meditação na abertura do Sínodo* de 8 de outubro de 2012).

"Só no fogo se semeia fogo!" (Ol'ga Sedakova).



CFI-TOR Assembléia Geral 2013



Conclusão

Gostaria de concluir com um ícone bíblico, aquele do diácono Felipe que animado pelo Espírito (on fire with the Spirito) apressa-se na estrada deserta, onde viaja o ministro da rainha de Etiópia.

É preciso deixar-se conduzir pelo Espírito Santo nas estradas onde viajam os seres humanos. Não importa se essas estradas parecem "desertas". Felipe não tem medo de deixar a cidade de Samaria, que acolheu com alegria o Evangelho (At 8,5-8), para chegar a uma só pessoa que viaja em direção aos confins da terra.

"Você compreende o que está lendo?" pergunta Felipe ao ministro viajante. (At 8,30).

No caminho de Emaús é o Ressuscitado quem conduz os dois viajantes para ao sentido pleno das Escrituras; no caminho para Jerusalém em direção à Gaza é Filipe que interpreta o sentido cristológico, um dos passos mais inquietantes do profeta Isaías: "Ele era como uma ovelha



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

conduzida ao matadouro, como um cordeiro sem voz..." (Is 53,7-8). Esta página fala d'Ele e de nós, do Cristo que continua a sua paixão do mundo...

"Eis que aqui tem água: o que me impede de ser batizado?" (At 8,36). Do anúncio do Evangelho ao batismo, sinal transformador, sinal de uma nova criação, sinal da regeneração em Cristo.

"E quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Felipe, e o eunuco não o viu mais." (At 8,39). Que pecado, poderíamos dizer. Agora que tinham estabelecido uma relação tão bonita e profunda... No entanto, o final do encontro deles não é marcado pela tristeza, mas por uma alegria imensa. O Espírito leva Felipe a um outro lugar e o homem regenerado em Cristo cheio de felicidade prossegue o seu caminho... para transformar o mundo!

Irmã Elena Bosetti, sjbp



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

NOTAS

¹ As duas metáforas vamos encontrá-los também ligadas na primeira carta aos Coríntios, onde Paulo diz: "Vós sois o campo (*georgion*) de Deus, o edifício (*oikodomē*) de Deus (1Cor 3,9).

² O verbo *rizôō*, em grego "radicar", deriva de *riza* "raiz"; a mesma coisa também em latim onde a palavra *radicari* é derivada de *radix* "raiz".

³ Cf. C. Paolazzi, *Leitura dos "Escritos" de Francisco de Assis*, Bibl. Francescana, 2ed. Milão, 2002.

⁴ Cf. R. Penna, *Carta aos Romanos*, vol. II, EDB, Bologna 2006, p. 11.

⁵ E. Lohse, *As cartas aos Colossenses e a Filemom*, Paideia, Brescia, 1979, p. 120. Já Filon de Alexandria apresenta os logos que abraçam o cosmos, o preenche e o determina: como o corpo humano precisa de orientação e de guia da cabeça, assim também o "corpo" (*sōma*) do cosmos.

⁶ Cf. U Vanni, *a alegria no espírito*. Uma proposta de espiritualidade paulina, Edição ADP, Roma 2000, pp. 115-126.

⁷ São numerosas as citações (pelo menos 13) de I Pedro nos escritos de Francisco. Mas mais do que a quantidade, impressiona a qualidade. Escreve O. Van Asseldonk: "a importância das cartas de São Pedro como uma fonte de inspiração bíblica para São Francisco, é muito evidente. Em particular o cap. 2 da primeira carta que é uma mina de ideias evangélicas, que o Santo usou amplamente" (*as cartas de Peter nos escritos de São Francisco em: CF 48/1978*, pp. 67-76).

⁸ Cf. E. Bosetti, *como línguas de fogo*. Comunicar a Palavra de acordo com os Atos dos Apóstolos, São Paulo, Cinisello Balsamo (Mi) 2009.

⁹ Cf. E. Bosetti, *Primeira epístola de Pedro. Introdução e comentário* (Dabar-Logos-palavra) EMP, Pádua 2010, pp. 165-184.

¹⁰ G. Theissen, *Jesus e o seu movimento. Análise sociológica do comunidade cristã primitiva*, Claudiana, Torino 1979.

¹¹ C. m. Martini, *a transformação de Cristo e do cristão à luz do Tabor*, Rizzoli, Milão 2004, p. 92.